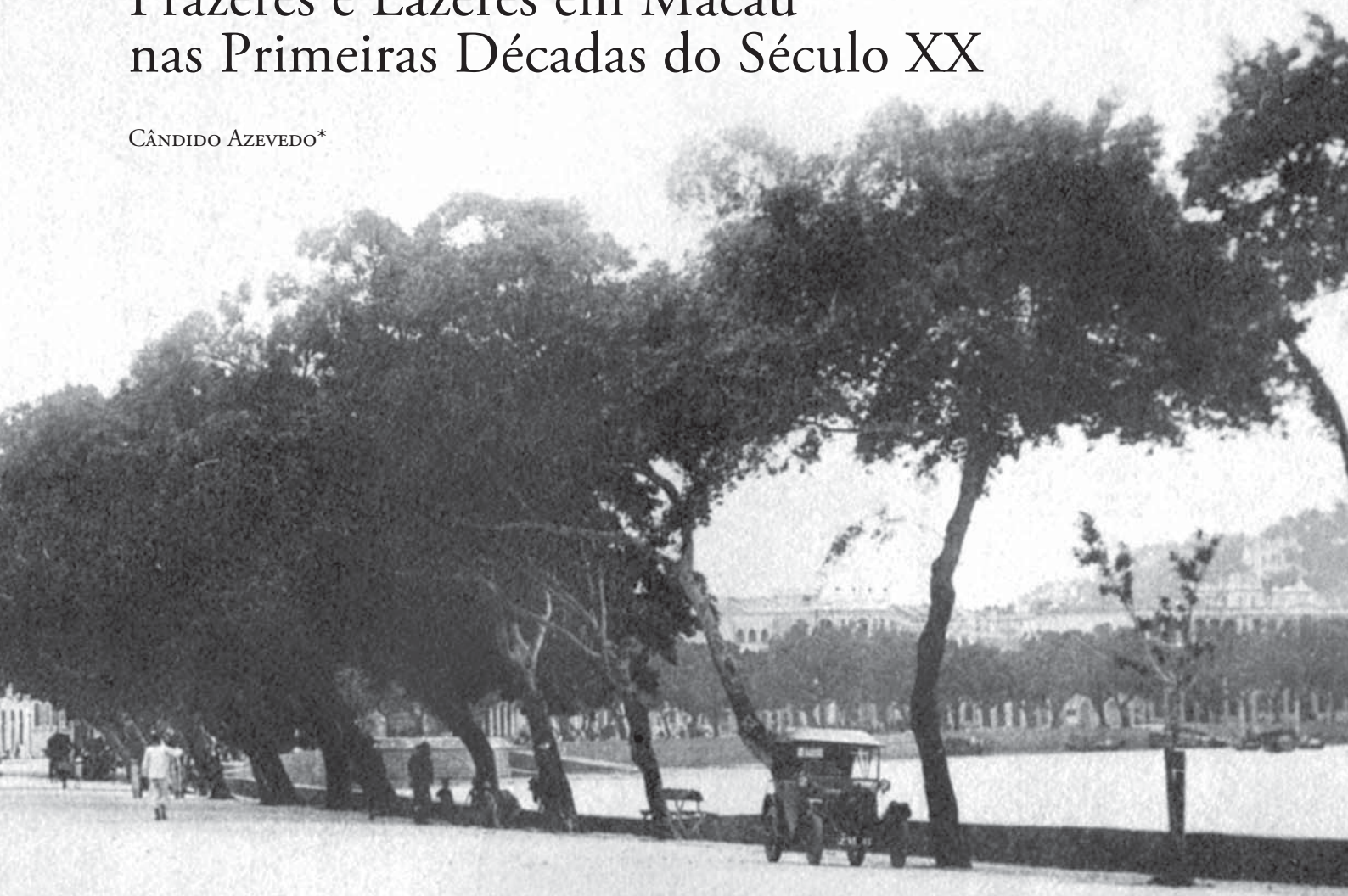
Um Olhar sobre uma Época

Prazeres e Lazeres em Macau nas Primeiras Décadas do Século XX

Cândido Azevedo*



INTRODUÇÃO

A sociedade e o indivíduo dos começos do século XX sofreram grandes e várias agitações com uma Europa que sonhava ainda em dominar e sustentar o mundo, beneficiando de uma verdadeira hegemonia, graças à sua força militar, material, técnica e intelectual.

A revolução de costumes, da maneira de viver, de pensar, de sentir e de agir, tem reflexos nas sociedades europeias de uma forma profunda e notória. Simultaneamente, uma febre de alegria lança-as numa ânsia de prazeres, como meio de fazer esquecer a permanente inquietação de um futuro que se afigura incerto.

Os países do terceiro mundo, principalmente os da Ásia e África, confinados no afastamento das revoluções industriais, abalam a autoridade das potências coloniais e sustentam uma carga demasiadamente pesada: subdesenvolvimento e superpovoamento, interligados mutuamente.

Em Portugal, as convulsões dos últimos tempos da monarquia constitucional, as divisões e contendas

* Licenciado em Educação Física e Desporto e em História. Doutorado em Ciências do Desporto (ramo de História e Antropologia do Corpo) pela Universidade do Porto.

Degree in Physical Education and Sports and inHistory. Ph.D. in Sport Sciences (History and Anthropology of the Body) from the University of Oporto.

entre os partidos, a propaganda republicana, bem como as atenções e energias nacionais viradas para os vastos domínios africanos, parece terem deixado neste início de século os territórios portugueses do Oriente numa indiferente apatia.

À data da eclosão da Primeira Guerra Mundial, as colónias portuguesas do Oriente conheciam já graus de desenvolvimento bastantes diferenciados, por consequência da conjuntura internacional. Embora Portugal se tivesse envolvido directamente na Guerra, na defesa dos seus interesses, nenhum destes Territórios sofreu directamente as vicissitudes do conflito, para além das dificuldades naturais que a situação originou em todas as regiões do mundo.

Toda a legislação referente aos domínios ultramarinos produzida no primeiro período teve resultados pouco práticos e certamente inferiores às expectativas dos legisladores. No que se refere ao título do presente estudo, ou seja, ao gosto pela actividade lúdica, houve algumas medidas vantajosas no que concerne ao problema da educação e do ensino, vinculando o Estado à organização da educação permanente e dos lazeres, bem como à liberdade de associação.

1. MACAU

Relativamente ao território de Macau, embora se encontrasse servido de ligação marítima e telegráfica com a distante Metrópole, a verdade é que o ambiente parecia ser de um quase total isolamento e desinteresse relativamente ao resto do país, apenas contrariado com a chegada de destacamentos militares, sempre em crescendo, permitindo que muitos dos governadores nomeados para este território criassem a atmosfera de uma corte estreita e mesquinha, ignorando o mundo envolvente, isto é, alheada dos valores que surgiam na clandestinidade: a procura de uma nova ordem social.

Nos princípios de 1900, Macau já não era uma cidade faustosa, pois há muito que terminara o tráfico do ópio e a emigração dos cules, depauperando muitas famílias. Para algum empobrecimento contribuiu também a forte presença de Hong Kong e uma onda migratória de macaenses para aquela urbe. Contudo, gozava de uma situação desafogada, com orçamentos excedentários. Esclarecedora desta situação é a *Illustração Portugueza* de 23 de Abril de 1923, pela pena de Manuel Antunes Amor,[1] onde refere que Macau gozava "duma prosperidade hoje inegualada por qualquer outra das nossas colónias, mercê dos milhões de patacas auferidos pelo Estado com os monopólios do fabrico do ópio, do jogo de *fan-tan*, das loterias de *san-pio* e *p´u-pio*, do sal, etc." E, mais adiante:

> "Macau era um lugar de repouso, gozo e segurança para os chineses multimilionários: cidade rica de prazeres para o viajante; e para o militar e para o funcionário civil, se não fôr o Eldorado onde a árvore das patacas floresce e frutifica prodigamente, é, pelo menos, o sítio do Ultramar que, no china e nos hábitos de vida dos coloniais, mais se irmana à Mãe-Pátria." (Barata,1999).

Era então Macau uma cidade onde se notava ainda uma clara delimitação urbana em áreas distintas: a cristã e a chinesa. A primeira, com palacetes e ricas habitações, espalhava-se pelo centro e Sueste da península à volta das igrejas, conventos e quartéis, onde o contínuo repique dos sinos, o rufar dos tambores e o soar dos clarins nos quartéis da guarnição lhe davam uma fisionomia que a diferenciava de outras regiões de espírito mais prático. A cidade china, com o seu intenso comércio, colaus e oficinas, espraiava-se pela orla ribeirinha do porto interior e até às várzeas de Mong-Há (Fernandes, 1999b).

Hotel Boa Vista, ca. 1900. *In* Cecília Jorge e R. Beltrão Coelho, *Álbum Macau: Sítios, Gentes e Vivências* (Macau: Livros do Oriente, 1991).

A vida decorria influenciada pelo estilo vitoriano,[2] difundido pela proximidade de Hong-Kong.

Era este o pequeno mundo, calmo e tranquilo, onde uma população de cerca de 80 mil habitantes vivia, no que era considerado um verdadeiro paraíso e concorridíssima estação de Verão no Extremo Oriente.

Famílias de ricos comerciantes de Cantão para aqui vinham no vapor de ligação, o *Spark*, muitos dos quais estabeleciam as suas residências de Verão, oferecendo uma hospitalidade delicada e cordial. Os mais necessitados que conseguissem atravessar a fronteira eram acolhidos por um excelente serviço de assistência por parte das Irmãs Canossianas (Fernandes, 1999b).

Mas tempos difíceis aproximavam-se, comprometendo a vida calma e pacífica deste pequeno território. Vagas de chineses chegam, procurando refúgio e segurança, vítimas do período da anarquia que se vivia na China a partir de 1912. Nesse ano, aqui procuram abrigo as famílias dos mandarins e oficiais do exército imperial, fugidos à Revolução Republicana; entre 1916 e 1928 vêm os fugitivos de movimentos violentos como a Revolta dos Boxers e outros. Aqui se refugiam os cristãos chineses das perseguições que lhes são feitas; chegam os fugidos ao Tumulto das Associações Comerciais de Cantão e à Era dos Senhores da Guerra. A partir de 1932, Macau era uma vez mais o porto de abrigo de chineses e das comunidades europeias da Ásia que fogem da invasão japonesa, por aqui permanecendo até meados de quarenta.

Na Primeira Grande Guerra, a prosperidade de Macau não deixou de suscitar cobiças, mas a soberania portuguesa conseguiu ultrapassar as dificuldades, apesar

Assalto de Carnaval com a Tuna Macaense, ca. 1935. *In* R. Beltrão Coelho (ed.), *Álbum Macau: 1844-1974* (Macau: Fundação Oriente, 1990).

da distância e do isolamento relativamente à Metrópole. O receio de um ataque a Hong Kong alastra-se até Macau; prepara-se a segurança da cidade e reforça-se o policiamento.

Os barcos da marinha mercante, mobilizados para dar apoio à marinha de guerra, já não trazem os abastecimentos: vem a fome. O custo de vida triplica e a população não tem poder de compra. Sucedem-se os conflitos com as autoridades chinesas limítrofes, o que faz desvanecer pouco a pouco a esperança pelo respeito do Tratado de 1887.

2. MACAU E OS PRAZERES DO SALÃO

Mau grado o isolamento, face à distante Metrópole, mau grado também os períodos perturbados e as vicissitudes económicas que se viveram em Macau, a população deste território não pôs de parte as suas actividades lúdicas, ou, quando o fez, foi por períodos curtos e por razões de carácter humanitário. Vejamos com foi.

Para os portugueses da Cidade de Nome de Deus, era grande o leque de divertimentos, num autêntico corrupio entre práticas de salão e de ar livre, a pretexto de tudo: as recepções oficiais, datas festivas, festas diversas. Tudo muito idêntico ao que se passava em Portugal para as classes mais favorecidas.

O Teatro D. Pedro V continuava a chamar a si a realização de *soirées* elegantes, apesar das questões menores da pequena comunidade ou dos inconvenientes resultantes da Primeira Grande Guerra, que provocava alguns altos e baixos de programação. Seguem-se-lhe o Grémio Militar e os hotéis de qualidade, que vão entretanto surgindo desde a transição do século, como o Macao Hotel, depois Hotel Riviera, e o Hotel Boa Vista, depois Bela Vista.

A um ritmo já não do século XIX, sucedem-se as *soirées* oferecidas pelas famílias ilustres que procuram compor a lista de convidados num verdadeiro "quem é quem" da sociedade macaense. Ficou célebre a que foi oferecida em 3 de Março de 1917 por Mr. e Mme. Ricou na sua residência, que primou pelo mais *chic*, com a particularidade da alternativa à dança ser o jogo da roleta.[3] Noutras residências, e por vezes em simultâneo com a dança, jogava-se ao gamão ou ao bafá.

Entre jogos de cortesia e sedução, os adeptos das reuniões dançantes dançam de tudo: das já conhecidas *polkas* e valsas às recém-chegadas *fox-trot* e tango. Há mesmo quem se disponha a vir ensinar a Macau outras danças ainda mais modernas, como o *one step* e o *camel walk,* ou outro tipo de bailados modernos, certamente a dança livre, preconizada por Isadora Duncan, então em voga na América e Europa, e que alicerçada no novo clima estético, o modernismo, criava uma nova linguagem gestual e rítmica dos sentimentos humanos. Era o caso das Mrs. Daisy O'Keefe e Violet Capell, recém-chegadas de Inglaterra e residentes em Hong Kong "que se oferecem para ensinar lições de dança caso tenham um mínimo de discípulos que compensem as despesas de deslocação".[4] E tiveram, não fosse a dança um exercício permitido ao corpo, indispensável às pessoas que, num meio tão pequeno como Macau, procuravam um certo estatuto social.

Mas pela cidade espalham-se também outros professores de música vocal e instrumental, com uma grande preferência pelo piano. O professor pianista Harry Ore, residente em Hong Kong, para aqui se desloca ao longo dos anos 20 e 30. É o mais procurado. São muitos os que querem aulas, principalmente donzelas e damas, dado que, para uns, tocar bem é fundamento de uma reputação juvenil, demonstrando publicamente uma educação esmerada e, para outros, tocar piano é fazer eco da nostalgia do amor conseguido ou contrariado, libertando a força irreprimível das paixões.

Mas os prazeres de salão não se resumiam à dança e aos jogos. Outros havia com larga tradição, tais como a ópera, os concertos, os teatros, as récitas, a pantomima e o ilusionismo.

A programação de grande qualidade levada a efeito em 1921, certamente pelo euforia do fim da Primeira Grande Guerra, dá uma ideia do ritmo de actividades que o Teatro D. Pedro V oferecia:

Datas	Espectáculos
19 de Junho	Companhia de ópera ligeira e opereta de Daroff e Shtern
25 de Junho	Concerto pelo violinista Vladimir Siroido e pelo pianista Harry Ore
29 de Outubro	Exibição de danças clássicas por Mll. Mosolova e Mr. Gordon
4 de Dezembro	Concerto por D. Ondarwjer, barítono da Ópera Real de Amesterdão

Não se pode contudo deixar de referir outros momentos altos e de grande qualidade da cultura lúdico-artística que teve lugar em Macau, dotado agora com uma outra sala de espectáculos, o Teatro Capitol, mandado construir pelo dinâmico José Maria da Luz. Bastará talvez indicar o elenco de apenas uma década, e que revela a cidade como um centro cultural dos mais privilegiados do Oriente:

Datas	Espectáculos
29.11.1922	Companhia de Ópera Italiana de Capri
18.03.1923	Recital de piano por Leopoldo Godowsky
15.11.1924	Ópera com o tenor Giletta: *Madame Butterfly* e *Cavalleria Rusticana*
06.08.1927	Recital pelo violinista Josef Borissof e pelo pianista Willy Reiman
03.05.1929	Ópera *Carmen* (Bizet), com o *mezzosoprano* Agozzino e o tenor Giovani
27.12.1929	Concerto com o violoncelista Adèle Clément
22.11.1931	Concerto pelo grupo austríaco "Trio Schneider"

O Grupo de Amadores de Teatro e Música,[5] existente desde a segunda metade do século XIX, continuava a levar a efeito, já não num ritmo célere, récitas, fossem elas operetas, comédias ou actos dramáticos. Quando a cidade vivia grandes dramas, provocados pelos refugiados chineses, o desempenho deste grupo, quase sempre com finalidades filantrópicas, dava azo à liberdade da emoção, contaminando os espectadores com o seu clima de espectacularidade, fazendo esquecer por momentos os problemas da cidade.

Foram de muito sucesso algumas das suas peças representadas na segunda década do século XX:

Ano	Peças
1922	"A Sonata"; "O Mestre de Dança"
1923	"Situação Complicada"; "As Alegrias do Lar"
1924	"Uma Anedota"; "A Chave Doirada"; "O Desfalque"
1925	"Renascer
1926	"O Ramo de Violetas"
1928	"Comédia Íntima"; "O Soneto"; "A Cruz de Guerra"
1929	"O Salto Mortal"

3. MACAU E OS LAZERES NA NATUREZA

Influenciada por artigos e revistas chegados de Portugal, onde médicos e pedagogos apelam ao ar livre e ao contacto com a natureza, e apercebendo-se igualmente da miséria corporal que os rodeava, a respeitável sociedade macaense demonstra finalmente a partir da primeira década do século XX uma certa preocupação higiénica e procura cada vez mais na natureza o seu papel equilibrador, já não de uma forma romântica, como fora na transição do século, mas sim vigorosa, prestando-se aos exercícios ao ar livre e aos banhos de mar. Esqueciam muitas das críticas tecidas anteriormente aos primeiros amantes do *sport,* que desde então apelavam à consciencialização das necessidades do corpo, incitando a sociedade local a uma nova ordem.

Para os exercícios ao ar livre, a bicicleta torna-se a companheira ideal. Muitos por aqui a exibem, pedalando desenfreadamente, sendo de imediato alvos de crítica, pois

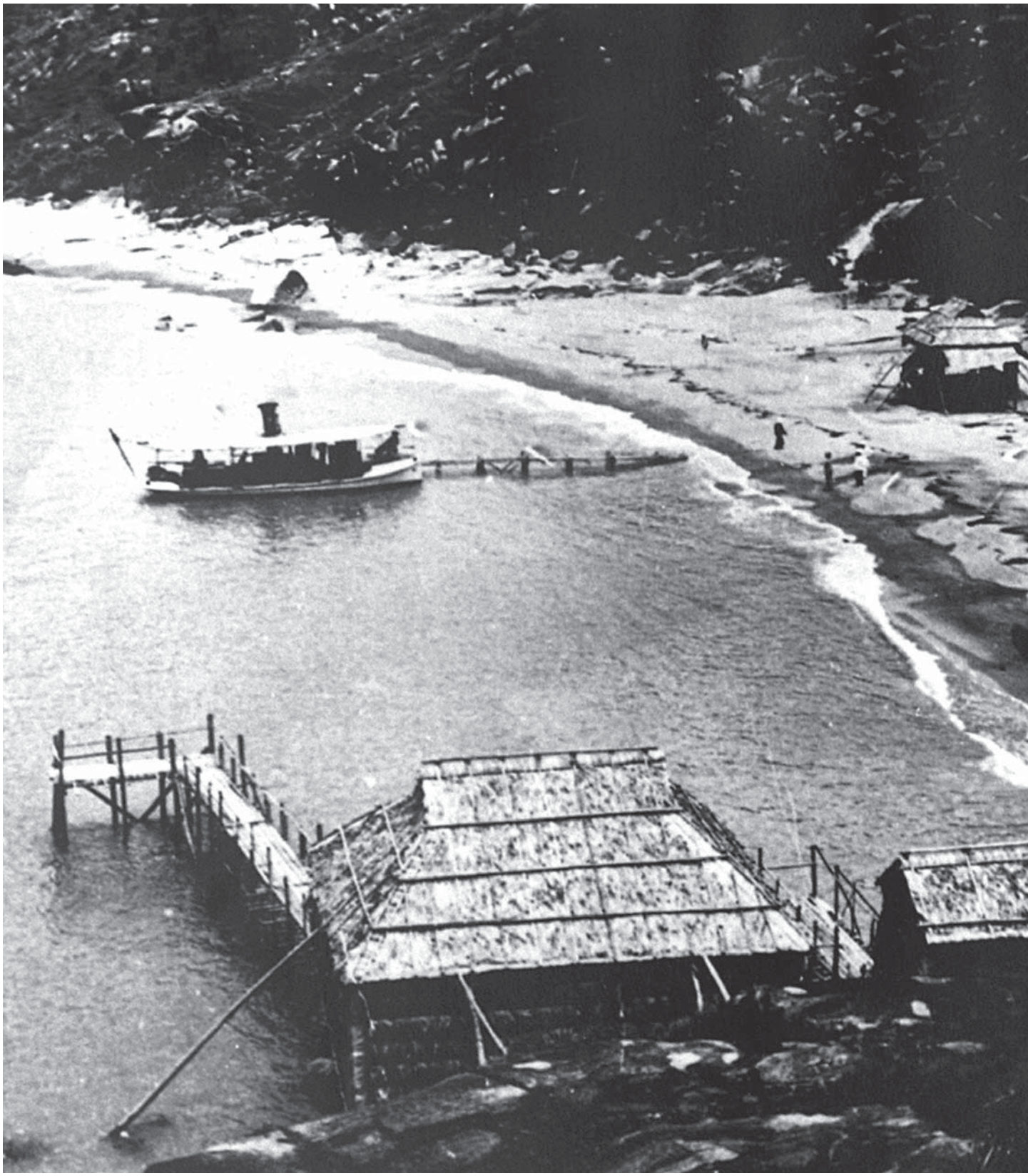
> "prejudica grandemente os cardíacos e os ahórticos; que é um género de exercício que expõem aos resfriamentos e bronquites; e que os participantes apanham tombos e quedas a toda a hora. Junte-se que a posição do ciclista é informe e feia, e que a sua invenção se não pode considerar um troféu para a higiene. Desenvolver as pernas e comprimir os orgãos do peito e do ventre, nunca deverá ser o ideal dos exercícios que a higiene recomenda."[6]

Bem depressa estes amantes do ciclismo, agora com as novas e potentes "Raleight" importadas directamente de Inglaterra pela Macao Cycle Depot, ensaiam novos percursos. O destino ideal era a Praia da Boa Vista, na Areia Preta, estância balnear frequentada pela nata da sociedade macaense, à procura dos efeitos medicinais e profiláctico recomendados pelas revistas metropolitanas e que era de *bon ton* exibir.

Uns anos mais tarde, pela sua utilização simultânea e complementar de lazer e trabalho, Macau, com treze estabelecimentos de aluguer de bicicleta, transformou-se, segundo o Relatório da Polícia de 1920,[7] "num formigueiro perigoso" com graves acidentes. O Leal Senado vê-se obrigado a criar três campos de aprendizagem: no Campo de Mong-Há, aprende-se ao longo de todo o dia; na Avenida da República (desde o Tanque dos Mainatos até à Fortaleza da Barra) e na Avenida Vasco da Gama, aprende-se entre as 6 e as 15 horas. O Código de Posturas da cidade obrigava os agentes de autoridade a exercerem uma fiscalização rigorosa, mandando aplicar multas pesadas para a época em detalhes mínimos, como, por exemplo: não trazer campainha, obrigava o ciclista a duas patacas de multa; não prestar informação à Polícia do local de aluguer da bicicleta, também a duas patacas de multa e não trazer lanterna, a uma pataca de multa.[8]

A Praia da Boa Vista na Areia Preta, como já referido, torna-se o lugar de eleição para o banho do mar e actividades de ar livre. É a estância balnear preferida de Macau, porquanto outras praias havia que rodeavam

Praia de Cheoc Van, 1936. *In* Cecília Jorge e R. Beltrão Coelho, *Álbum Macau 3: Sítios, Gentes e Vivências* (Macau: Livros do Oriente, 1993).



a península: as de Cacilhas, da Guia, do Bom Parto, do Bispo (frequentada pelos ingleses, hóspedes do Hotel Bela Vista) e a do Tanque dos Mainatos. Dias (1995, pp.184-185) definiu bem esta moda:

> "O ir a banhos traduz, simultaneamente, um estado de saúde e cuidados dispensados com a higiene, mas também o usufruto de determinadas condições de vida e de determinada sociabilidade, espelho da posição social do banhista."

Não sabemos se devido ao progressivo assoreamento do estuário do rio das Pérolas, que afectava pouco a pouco a coloração das águas, ou devido ao receio de alguns banhistas em enfrentar o mar aberto, ou ainda por algum aspecto de higiene pessoal, encontramos no princípio deste século o Hotel Macao fornecendo na praia da Guia "máquinas de banhar", no sentido de possibilitar às pessoas o "saudável e vigoroso divertimento dos banhos de mar".[9]

Preferencialmente, de "jerinxá" ou de bicicleta, é pois para a Areia Preta que se dirige a elite da aristocracia colonial, já em declínio, e a burguesia macaense endinheirada. A natureza transformava-se agora em palco preferido para muitas actividades lúdicas. Nela aplicam-se nos banhos, já não tanto na procura das qualidades terapêuticas, mas sim enquanto prazer saboreado em alegria e convívio dos dois sexos: aderem às inúmeras provas de natação, aliadas à hilariante caça ao pato ou aos viris mergulhos de longa duração. A praia torna-se pequena, pois "tem estado cada vez mais concorrida a praia de banhos da Areia Preta, achando-se já ali construídas várias barracas de vários clubes e de famílias particulares, vendo-se todas as manhãs e tardes cavalheiros e senhoras praticando o bom exercício de natação. Informam-nos que com isto muito vêm a perder as mesas do predilecto jogo de ma-cheok".[10]

Porque o apelo do mar é grande, surgem novos espaços

> "por iniciativa da direcção do Clube de Macau foram levantadas no istmo da Ilha Verde algumas barracas de banho de que se poderão servir os sócios que desejam exercitar-se na arte natatória [...] local que nas marés cheias chega a atingir a altura de seis metros, presta-se admiravelmente a esse fim."[11]

Na natureza divertem-se também com jogos e passeios campestres, pois são muitos os apelos nesse sentido:

> "Rapazes, deslocai-vos a êste desporto e vereis que uma vêz praticando nunca mais o abandonareis, porque é só nos campos, nas montanhas, longe do barulho da cidade, que podereis encontrar alegria, disfruciando paisagens encantadôras, onde se respira o ar puro e saudável, principal elemento dos orgãos vitais."[12]

Esta prática também era do agrado dos jovens chineses:

> "No ano passado, durante o Inverno, houve apenas uns quatro ou cinco grupos de rapazes e raparigas que saíam todos os domingos para o território chinêz [...] Entre os estudantes das escolas chinêzas não acontece o mesmo, saindo tôdos os domingos dezênas dêles para Li-I-Chai, ou entâo para as montanhas das proximidades de Macau."[13]

O corpo passa a ficar na dependência da capacidade e do querer de cada indivíduo, num encontro com a Natureza. Como referiu Crespo (1990, p. 571) "na procura de um verdadeiro corpo apolíneo".[14] Ser agora um *sport man* vincava um estatuto social.

Das práticas ao ar livre, os piqueniques são também dos mais concorridos. Tudo é pretexto. Todos eles se fazem na Areia Preta, à excepção do tradicional piquenique de 24 de Junho, dia da Cidade, levado a efeito numa das chácaras que se engalanava para a festa ao ar livre, pois aqui recebia a alta sociedade de Macau, para um "arroz carregado" e "porco balichão--tamarindo".[15]

Se antes os piqueniques nas ilhas vizinhas se realizavam esporadicamente e em "tancás", com a chegada dos batelões a motor e o início da ligação às ilhas, os piqueniques e os passeios campestres transferem-se preferencialmente para à Taipa e, logo de seguida, para Coloane ou para as Onze Mesas, na Lapa.

O assoreamento e a contínua conquista dos espaços ao estuário começa com a destruição das praias da cidade, dando força aos amantes da natureza das ilhas da Taipa e Coloane:

> "Há dias chegou ao nosso conhecimento por intermedio duma pessoa por quem temos o maior respeito e consideração, que algumas pessoas achavam indignadas com os locais públicos neste diário a cêrca das barracas de banho no tão falado Pôrto Exterior (Praia de Cacilhas). Tratava-se do bom nome português e do decoro nacional e portanto colocamos os interesses da Pátria acima dos interesses particulares. Sustentamos a nossa opinião de que são prejudiciais à Colónia as licenças para a construção daquelas barracas de banho [...] chamamos a atenção do pôvo de Macau para a linda praia de Chok Van onde poderá gozar muita frescura e um verdadeiro banho em óptimas águas de mar e não em água cheia de lôdo e mais porcarias."[16]

E o povo de Macau acatou a sugestão. Inesquecível foi o piquenique de 28 de Junho de 1936 nesta praia. Organizado pelo Grémio Militar, duzentos convivas fizeram-se ao mar no barco da firma de Kwong-Heng--Tai, ao som da Banda Jazz Vitória que para gáudio de todos executou peças de dança na viagem e na barraca de praia (Teixeira, 1975).

Como já ia longe a proibição de caçar, emanada do Acordo de 2 de Outubro de 1750 com as autoridades chinesas, diz-nos Caldeira (1977) que, por volta de 1850, já alguns macaenses se aventuravam em "tancás" nas ilhas chinesas vizinhas. Esta prática continuava a ser das mais apreciadas e tinha muitos amantes em Macau, destacando-se no princípio do século Fernando Celle de Menezes e José Ribeiro. Agora, munidos de espingardas estriadas e de carregamento pela culatra, utilizando cartuchos detonados por percutor, o destino é outro, visando presas mais ambiciosas. Uma caça a sério, "caça essa que tem efeitos de flexionar graciosamente os movimentos qual borboleta, temperando até e duramente, o carácter frente ao selvático tigre."[17]

A tensão existente nas relações com a China na década de vinte, impedindo os caçadores de se deslocarem àquele território, fará surgir em Abril de 1927, e por insistência dos munícipes, uma carreira de

Passeios do Monte da Guia, ca. 1920. *In* R. Beltrão Coelho (ed.), *Álbum Macau: 1844-1974* (Macau: Fundação Oriente, 1990).

Grupo de caçadores, ca. 1900. *In* Cecília Jorge e R. Beltrão Coelho, *Álbum Macau: Sítios, Gentes e Vivências* (Macau: Livros do Oriente, 1991).

tiro na ilha da Taipa, sob o controle da Polícia,[18] bem como uma postura regulamentando o exercício da caça na península de Macau. Ficava determinado o modo e a arma permitida, os locais[19] e as aves de arribação possíveis de serem abatidas: martinhos brancos, maçaricos, "borrêgos" e patos bravos. Estabelecia multas de vinte e cinco patacas aos praticantes que usassem armas não permitidas e ainda se proibia a caça com armadilhas, catapultas, fundas ou qualquer outro meio mais astucioso.[20]

Com o crescimento da cidade, as restrições aumentavam. Tal levou a que, na década de trinta, se criasse, para os lados da Areia Preta, o Clube de Caçadores de Tiro aos Pratos para praticantes devidamente licenciados. A obrigatoriedade desta licença datava já desde 1902, pois muita era a abundância de armas nas mãos dos cidadãos.[21]

CONCLUSÃO

A exemplo do que se passava em Portugal, todas as inovações do peródo de transição do século XIX para o século XX, emergentes no campo da actividade atlética, ou na maneira de encarar o exercício físico ao ar livre, vieram corresponder à necessidade da demonstração da elegância, força e habilidade, fosse por parte de uma aristocracia, ainda existente mas ociosa e decadente, fosse por uma burguesia em ascensão. RC

NOTAS

1 Esteve em Macau de 1919 a 1922 ao serviço do Leal Senado. Foi Superintendente das Escolas Municipais.

2 No que concerne ao lúdico, Hong Kong tornara-se um local de todas as actividades de lazer, das mais tradicionais como o *pub*, o clube, o espectáculo desportivo, às grandes festividades populares e aos prazeres dos parques e campos, para onde o "*homo victorianus*" se evade (M. Charlot e R Marx, "A sociedade 'dualista' por excelência", *in* idem, *Londres 1851-1901: A Era Vitoriana ou o Triunfo das Desigualdades.* Lisboa: Terramar, 1995, pp. 8-13).

3 In *O Progresso*, 11/03/1917.

4 In *O Liberal*, 07/01/1922.

5 Transformou-se em Academia de Amadores de Teatro e Música, a partir de 1934. Com a chegada da Segunda Grande Guerra ao Pacífico, esta Academia acabou por desaparecer.

6 In *A Verdade*, 09/01/1910.

7 Arquivo Histórico de Macau [AHM], Leal Senado, vx. 1, P.º 69.

8 *Ibidem*.

9 Para uma sessão de 20 minutos por banho, era a seguinte a tabela dos preços, pago adiantado em patacas, na recepção do Hotel: 1 bilhete de estação para toda a família - 20.00; 1 bilhete mensal por pessoa – 5.00; 5 bilhetes – 1.00 e 1 banho – 0.25 (In *Boletim da Provincia de Macau e Timor*, 20, 16/05/1868).

10 In *A Pátria*, 25/07/1927

11 *Ibidem*, 23/06/1926.

12 In *A Voz de Macau*, 10/09/1933.

13 *Ibidem*.

14 De Apolo, que para os gregos era o deus do pensamento, do raciocínio, do equilíbrio e da elevação.

15 Cf. Henrique de Senna Fernandes, *Amor e Dedinhos de Pé*, p. 371.

16 In *A Voz de Macau*, 05/05/1934.

17 In *Vida Nova*, 19/06/1910

18 In *A Pátria*, 18/03/1927

19 A área limitada ao exercício da caça compreendia os seguintes pontos: nas hortas das Portas do Cerco; na Areia Preta; na Rampa dos Cavaleiros; na Colina de Mong-Há; na zona compreendida entre o cemitério dos protestantes até ao cruzamento da Avenida Horta e Costa, pelo prolongamento da Avenida Conselheiro Ferreira do Amaral.

20 AHM, Leal Senado, Cx. 3, P.º 83.

21 Cf. *Boletim Official do Governo da Provincia de Macau* 17, 26/04/1902.

BIBLIOGRAFIA

Barata, Aureliano. 1999. *O Ensino em Macau: 1572-1979: Contributos para a Sua História*. Macau: Direcção dos Serviços de Educação e Juventude.

Caldeira, Carlos. 1997. *Macau em 1850. Crónica de Viagem*. Lisboa: Quetzal Editores.

Cashman, Richard. 1979. *Patrons, Players and the Crowd*. Nova Deli: Orient Longman.

Crespo, Jorge. 1987. *As Actividades Corporais: Síntese Histórica*. [Texto policopiado]. Lisboa: Direcção Geral dos Desportos.

——. 1990. *A História do Corpo*. Carnaxide: Difel.

Dias, Paula M. Pereira de Oliveira. 1995. "Ir a banhos na Figueira da Foz no dealbar do século XX: Um olhar sobre uma época", in *Revista Portuguesa de História*, 30, pp. 177-207.

Fernandes, H. Senna. 1999a. *Amor e Dedinhos de Pé*. Macau: Instituto Cultural de Macau.

——. 1999b. "Macau de Ontem", *in* Luís Sá Cunha (dir.), *Macau di nós-sa coraçam*: *Memorandum Afectivo para os Participantes no III Encontro das Comunidades Macaenses*. Macau: Comissão Organizadora do III Encontro das Comunidades Macaenses/ Fundação Macau, pp. 51-69.

Hasse, Manuela. 1993. *O Divertimento do Corpo. Lazer e Desporto na Transição do séc. XIX para o séc. XX em Portugal*. [Texto policopiado]. Tese de Doutoramento em Ciências do Desporto. Universidade Técnica de Lisboa,

Ribas, Tomás. 1959. *A Dança e o Ballet*. Lisboa: Editora Arcádia.

Silva, Andrade. 1991. *Eu Estive em Macau Durante a Guerra*. Macau: Instituto Cultural de Macau.

Teixeira, Pe. Manuel. 1975. *Os Militares em Macau*. Macau: Comissão de Turismo e Informação.

——. *Toponímia de Macau*. Macau: Imprensa Oficial.